

ENSAIO 24

Tópico 3

Sentimentos: as forças que nos afetam

“A nossa tristeza nos faz parecer tudo o que vemos triste; a nossa alegria tudo nos mostra alegre; e o nosso contentamento tudo nos mostra com agrado: os objetos influem menos em nós do que nós influímos em nós mesmos. Vemos como de fora as aparências de que o mundo se compõe, por isso não conhecemos o seu verdadeiro ser, nem gozamos delas no estado em que achamos, mas sim naquele em que elas nos acham” (**Matias Aires**, Reflexões sobre a vaidade dos homens)

Como muitos sabem, um dia ruim pode impactar nossas decisões. Da mesma maneira, um pensamento maldoso que nos ocorre pode nos assustar, mudando a visão que temos de nossa própria moralidade. Como diz a citação acima, nosso contentamento tudo nos mostra com agrado. Quais são essas forças que tanto nos afetam?

Proponho apresentar neste texto reflexões que tenho feito sobre como nossos sentimentos podem afetar nossa percepção da realidade, bem como influenciar nossas decisões. Farei, também, relações entre esse tema e teorias já estabelecidas da psicologia da percepção e do ceticismo epistemológico, para que com base neles eu desenvolva uma tese.

I.

Primeiramente, farei uma contextualização de um conceito que será usado nesse texto, o conceito de imagem. Quando me refiro a imagem, faço um paralelo com a linguagem matemática: uma informação x , quando passa por uma função $f(x)$, vira uma imagem y . Note que y e x não são a mesma coisa, mesmo que y seja uma representação de x .

Há um famoso quadro que ilustra bem essa questão. No quadro há uma pintura de um cachimbo e abaixo dela está escrito “*Ceci n’est pas une pipe*”, traduzindo, “Isto não é um cachimbo”. A frase faz graça ao fato de que o que está acima dela não é um cachimbo, mas uma pintura de um cachimbo (Y , a pintura, não é X , um cachimbo). A pintura de um cachimbo não apresenta tudo o que é um cachimbo: ela mostra só uma face de um objeto que é tridimensional, assim como ela não pode ser manejada e utilizada como ele pode.

II.

Posto isso, acredito que os sentidos e as percepções são imagens do mundo material. Eis a minha argumentação:

Durante os séculos XIX e XX foi desenvolvida uma teoria, a da Gestalt, a teoria que simpatizo, que descreve como percebemos as formas materiais do mundo (acredito no fisicismo, ou seja, que a mente também é composta de matéria, mas não entrarei nesse assunto; quando mencionar “matéria” ou “material” me refiro à matéria externa à mente). Em suma, a proposta consiste em dividir a nossa realidade em três “planos”: o do material, o dos sentidos e o das percepções; os dois últimos compõem nosso ser, mas são diferentes. Cada um desses é uma representação, uma imagem, do anterior, isto é, os sentidos são imagens da matéria, e as percepções, imagens dos sentidos. Como estabelecido na parte I., os sentidos não são a matéria, e as percepções não são os sentidos; mas quais seriam, nesse caso, as funções $f(x)$?

Relacionado a essa pergunta, a teoria da Gestalt também apresenta, e esse é o principal ponto da teoria, a ideia de forças:

Forças Externas: elas mediam a relação entre a matéria e os sentidos, essas são por exemplo a luz, o ar, os órgãos sensoriais etc, e suas respectivas condições. Exemplificando, digamos que há um pote de sorvete em uma mesa, se dermos uma colherada, seu gosto pode ser diferente dependendo da sua temperatura, se estamos resfriados, se queimamos a língua com um café etc. Além disso, mesmo com condições perfeitas, se sentirmos gosto de morango, não poderemos dizer “esses sorvete é feito de morango”, pois, como todos sabem, com tantos produtos químicos alimentícios, pode-se simular o sabor morango sem utilizar morango. Sorvete sabor morango não é necessariamente sorvete de morango. Ocorreu aqui uma espécie de ceticismo, e essa questão será abordada no final do texto, mas seguirei com a Gestalt por enquanto.

Forças Internas: mediam a relação entre os sentidos e as percepções. Nossas mentes tendem a perceber as coisas diferentemente de como elas sentem, isto é, de forma mais simples. Se vemos um quadrado desenhado em um papel de forma imperfeita, mesmo assim perceberemos que se trata de um quadrado, no entanto o quadrado em nossa percepção é perfeito. Platão dizia que o quadrado perfeito pertence a um plano mais elevado da realidade do que o mundo material, e que portanto o quadrado imperfeito era uma imagem do perfeito. Contrariamente, a Gestalt afirma que o quadrado perfeito pertence a um plano inferior, sendo ele uma generalização. Para cada quadrado imperfeito teria de haver uma imagem diferente respectiva a ele, mas ao generalizar, todos os quadrados imperfeitos serão entendidos em uma única ideia, facilitando a compreensão.

A Gestalt desenvolve mais a ideia de como os sentidos se diferem da percepção e de como as forças internas agem, mas o que já foi explicado é o suficiente para voltarmos ao eixo central do texto: os sentimentos.

III.

Penso que assim como no lado empírico da nossa mente, ela inflige forças que diferenciam os sentidos e as percepções, o lado racional, pode ser afetado por forças que diferenciam um comportamento racional e um comportamento irracional. Essas forças são os sentimentos.

Uma atitude que alguém toma desagrável a nós pode influenciar negativamente a idealização que temos dessa pessoa, mesmo que, analisando de maneira racional, tal atitude teve a intenção do nosso bem.

Do mesmo jeito, ao nos enfurecermos com algo que não deu certo, nossos sentimentos nos levam a ter uma interpretação diferente ao sermos expostos a certos fatos. Estando estressados, podemos imaginar que uma ação que, na verdade, é feita ao nosso agrado, é contrária a nós.

No lado mais romântico da vida, sentindo afeto por uma pessoa, uma ação que ela faça sem intenções afetivas, pode ser interpretada como uma completa declaração de reciprocidade amorosa.

Como dito na citação inicial do texto, nós influímos mais em nós mesmos, do que objetos influem em nós. Nós muitas vezes, podemos ser nossa própria força contrária, quando deixamos os sentimentos afetarem a racionalidade.

Não proponho, como o leitor pode estar pensando, que ignoremos completamente os nossos sentimentos. Na realidade, acredito que os sentimentos constituem uma parte necessária da nossa pessoa. Mesmo que, como dito, anteriormente, a pintura do cachimbo não seja o cachimbo, ainda assim a pintura do cachimbo é real enquanto pintura. As reflexões que elas nos proporciona são diferentes do que um cachimbo nos proporcionaria (Y é diferente de X), e ela só nos proporciona essas reflexões por ser uma pintura. Semelhante a isso, os sentimentos podem não ser bons ao agirem como forças contra a razão, mas eles ainda assim tem seus motivos para serem.

Acredito que assim como a percepção empírica da realidade material nos proporciona base para as nossas ações, os sentimentos também são uma base da nossa razão. Ao vermos uma ação maldosa e termos sentimentos de que ela é errada, isso desencadeia um processo de reflexão sobre a atitude. Entenda, ó leitor, que usarmos nossos sentimentos como base para a razão não é, de forma alguma, deixar que eles ajam contra um processo racional. Os sentimentos podem ser o nosso x que passando por um processo de análise e ponderação racional $f(x)$ se transforma em uma atitude racional y. No entanto, jamais podemos deixar que um fato x seja contrariado por um sentimento $f(x)$ resultando em uma atitude irracional y.

V.

Nessa mesma linha, proponho que, afim de que não deixemos nos levarmos por sentimentos contrários a racionalidade, tenhamos uma espécie de ação cética. O ceticismo pirrônico estabelecia que devido a uma incerteza sobre as coisas do mundo material, devíamos muitas vezes suspender o nosso julgamento. Em outras palavras, não dá para saber se o sorvete é feito de morango somente pelo seu gosto, mesmo

que o gosto seja um “gatilho” para ponderar-se se o sorvete é ou não feito de morango.

Da mesma forma estou propondo que suspendamos nossos impulsos imediatos, sentimentais, quando a realidade dos fatos for, em um primeiro momento, incerta, e que os fatos e os sentimentos sejam analisados por um processo racional. Se sentirmos um “sabor maldade”, não necessariamente o fato é “feito de maldade”. Mas um “sabor maldade” é um gatilho muito útil, até necessário, para que se pondere sobre a moralidade de uma dada ação. O mesmo vale para a tristeza, a raiva, o contentamento etc., deve-se ponderar racionalmente os fatos e as atitudes, mesmo que os sentimentos sejam bons “gatilhos”. Como disse Santo Agostinho em seu livro “Contra os Acadêmicos”, às vezes um vento forte que bate contra o nosso peito pode nos empurrar para fora de um mar de coisas ruins.